

Mercúrio no Paranoá vai ser pesquisado

As fontes de poluição de mercúrio no Paranoá serão pesquisadas pela Companhia de Águas e Esgotos de Brasília (Caesb), em convênio com a Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (Sudepe), que levantou o problema quando estudava a influência do meio-ambiente e suas alterações nas espécies do lago.

No relatório, enviado à Caesb em fevereiro deste ano, estava registrado um alto índice de absorção de metais pesados nos bagres capturados no chamado Saco das Embaixadas, onde deságua um riacho que, vindo de Goiás, passa pelo Núcleo Bandeirante e pelo Jardim Zoológico.

O plano, em fase preliminar, está nas mãos de Alexandre Fortes, diretor de Operações da Caesb, e espera ser viabilizado com injeções de recursos, uma vez que a metodologia empregada, a análise por espectro-fotômetro de absorção atômica, é cara, custando Cr\$ 500 mil por exame de amostra. A Companhia possui todo o instrumental empregado para esse tipo de trabalho, mas, segundo um de seus técnicos, a firma paulista encarregada da manutenção do equipamento tem se descurado de seus compromissos.

Segundo ele, «foi uma enorme surpresa encontrar-se poluição mercurial em Brasília, pois ela é característica de grandes centros, como São Paulo, onde acredito assumir grandes proporções. Mas no Paranoá pensávamos que fosse impossível, uma vez que ela é de origem industrial, sendo raramente encontrada em meios rurais, como o nosso cinturão verde».

O técnico desconhecia entretanto as afirmações de Paulo Nogueira Neto, secretário especial para o Meio Ambiente, que, juntamente com os pesquisadores da Sudepe, atribui aos defensivos agrícolas a ocorrência de metais pesados no lago.

As análises realizadas diariamente pela Caesb na água e no fundo do Paranoá nunca detectaram metais pesados, uma das fontes mais perigosas — juntamente com os defensivos organo-clorados, como o DDT e o BHC — de contaminação ambiental. Até a descoberta da Sudepe, feita incidentalmente quando estudava a viabilidade da pesca a níveis economicamente compensadores, não existia nenhuma ocorrência e pensava-se apenas

em poluição biológica, oriunda dos despejos residenciais.

A existência do plano de pesquisa de metais pesados, mesmo a nível de intenção, era negada até quinta-feira pelo superintendente da Caesb, Arnaldo Correa Araújo, uma vez que só os estudos iniciais foram realizados. Mas o assessor de imprensa da Secretaria de Serviços Públicos, Márcio Braga, confirmou a informação, ressaltando a fase preliminar do projeto.

SEMA

Para Suely Martins, coordenadora de recursos terrestres da SEMA, a pesquisa feita pela Sudepe é de pequena validade científica, em virtude da falta de recursos financeiros com que foi realizada — dispondo de apenas Cr\$ 500 mil, oriundos do Polocentro. Outros dados, segundo ela, poderiam «viciar» os estudos do Programa de Desenvolvimento Pesqueiro do Distrito Federal, como o pequeno número de amostras colhidas e, até mesmo, a vida média de cada espécie.

«Como o bagre mora no fundo dos cursos d'água — afirmou — «ele tem uma expectativa, de vida superior a das outras espécies, por isso mesmo absorve uma maior quantidade de mercúrio, uma vez que passa maior tempo exposto às fontes de contaminação».

Sobre a origem dos metais pesados encontrados, Suely não admite fazer suposições, «uma vez que até mesmo na natureza eles podem ser encontrados, sendo bastante frequentes após erupções vulcânicas». Mas a posição da área afetada, junto da estação de tratamento da Asa Sul, poderia indicar sua origem urbana.

«Os metais pesados são muito utilizados por pequenas indústrias, e comércios especializados» — disse Suely —, «como as lojas de revelação de fotografias, mas não excluo a contaminação por defensivos agrícolas. O riacho Fundo, que desemboca na região afetada, passa por diversas áreas de cultivo e a utilização de fungicidas ou inseticidas à base de mercúrio, proibidos apenas este ano, nas lavouras, poderia causar o problema, pois na estação das chuvas a água lava as plantações levando o excesso para os rios e favorecendo a absorção de poluentes pela terra, até os lençóis freáticos».